

# O Espírito Santo e a Igreja luterana\*

*Gottfried Brakemeier*

## Resumo

---

O movimento carismático significa um desafio para todas as igrejas, também as luteranas. É sintoma da efervescente religiosidade moderna. Será sinal de renovação ou fator de divisão? Novamente se coloca às igrejas a tarefa do discernimento dos espíritos. O Novo Testamento fornece uma série de critérios para tanto. Não despreza fenôme-

nos comuns do mundo religioso, a exemplo do falar em línguas. Mas os coloca a serviço da comunidade. A Igreja luterana está comprometida com essa visão, entendendo-se também ela como Igreja pentecostal. Justamente por essa razão não pode deixar de ser elemento crítico no mundo dos espíritos.

## Resumen

---

El movimiento carismático significa un desafío para todas las iglesias, también las luteranas. Es síntoma de la efervescente religiosidad moderna. ¿Será señal de renovación o factor de división? Nuevamente se coloca a las iglesias la tarea del discernimiento de los espíritus. El Nuevo Testamento ofrece una serie de criterios para eso. No desprecia los

fenómenos comunes del mundo religioso, como por ejemplo el hablar en lenguas. Mas los coloca al servicio de la comunidad. La Iglesia luterana está comprometida con esta visión, entendiéndose también ella como Iglesia pentecostal. Justamente por esa razón no puede dejar de ser elemento crítico en el mundo de los espíritus.

## Abstract

---

The charismatic movement poses a challenge to all churches, including the Lutheran churches. It is a symptom of the effervescent modern religiosity. Is it a sign of renewal or a factor of division? Once again the churches are faced with the task of discerning the spirits. The New Testament offers several criteria for that. It does not belittle phenomena that

are common in the world of religions, such as speaking in tongues. But it puts them at the service of the community/congregation. The Lutheran church is committed to this view and understands itself too as a pentecostal church. Precisely for this reason it has to be a critical element in the world of spirits.

---

\* Versão reformulada de teses apresentadas na Conferência sobre o Espírito Santo, em 11 de novembro de 1999, em Ivoti, RS.

1. A religiosidade está em alta, a religião em baixa. Religiosidade é a fé vivida pelas pessoas, religião é a fé representada e administrada pelas instituições. Observamos, neste final de século, uma explosão de religiosidade sob concomitante diminuição da religião. Seria esse fenômeno uma irrupção do Espírito Santo?

A pergunta exige criteriosa avaliação. Pois os espíritos são muitos. A Bíblia o confirma. Jesus lutava com os espíritos imundos (Mc 1.23), demoníacos ou simplesmente humanos (1 Co 2.11) ou mundanos (1 Co 2.12). Dele a Igreja herdou a tarefa da “distinção dos espíritos” (1 Co 12.10). Ela é arrolada por Paulo como um dos dons do próprio Espírito Santo. A comunidade precisa vigiar para não ser vitimada por um outro espírito que não é o de Cristo.

Seja dito de passagem que não se trata de verificar a natureza “luterana” da religiosidade em nossos dias. O que está em jogo é a sua qualidade “cristã”. Lutero e sua teologia nada mais são do que auxílio na busca de autenticidade evangélica e bíblica. E esta não é nada opcional – desde que queiramos ser membros do corpo de Cristo. O Espírito Santo é a “alma” da Igreja. Ai da comunidade cristã, se for possuída por outros espíritos. Sofrerá problemas “psicológicos”. Perderá sua identidade. Sem o Espírito de Deus, a Igreja entra em agonia. Ninguém o enfatizou como Lutero.

2. É um dos lados fortes da Igreja luterana poder ser crítica frente si mesma. E com efeito, convém iniciar com a autocrítica. Movimentos que sacodem as estruturas e questionam as tradições da Igreja costumam apontar para aspectos negligenciados ou omissos no passado. Assim também na Igreja luterana. O dé-

ficit de afetividade, uma teologia por demais voltada para o intelecto, a falta de vigor missionário, do testemunho pessoal e da vivência do discipulado – tudo isso e muito mais necessita de atenção na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Eu pessoalmente sonho com uma Igreja mais alegre, consciente de seu talento, menos escondida, mais corajosa. Pela própria auto-denominação compete à IECLB ser fiel testemunha do evangelho e boa guardiã deste tesouro. Mais do que de “religião” e “religiosidade”, as pessoas necessitam de uma mensagem que as segure na vida e na morte, que lhes dê esperança e que as oriente. É o que faz o Espírito Santo. Ele “(...) me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé” (Lutero na explicação do terceiro artigo). Cabe à IECLB ser instrumento desse Espírito.

Exatamente por isso, porém, importa examinar *todas* as coisas – também as propostas alheias, as “novas”, para reter o que é bom (1 Ts 5.21). Há quem constate um trauma “pneumatológico” em Lutero e na Igreja que nele se inspira. Teria sua origem na disputa com o movimento entusiasta que ameaçou a Reforma do século XVI. E com efeito, Lutero se distanciou desse movimento radical, representado, entre outros, pelo iconoclasta A. Karlstadt e por T. Müntzer, que tomou na guerra por querer implantar o reino de Deus à força. Já em seu tempo, pois, Lutero se defrontou com um tipo de “pentecostalismo”. Voltaremos ao assunto. De qualquer maneira, a “autocrítica” de Igreja luterana não pode dispensar da “alo-crítica”, ou seja, da crítica dos fenômenos religiosos com que se defronta em seu ambiente. O Espírito Santo precisa revelar e ter testada sua identidade, seja dentro ou fora da Igreja.

3. Essa é a razão por que perguntamos: o movimento carismático, será ele uma nova Reforma que nos leva para mais perto do cerne da fé cristã? Percebemos aí o sopro do Espírito de Deus? Ora, para que isso se confirme, há condições a cumprir.

a. Em primeiro lugar é preciso reconhecer que o movimento carismático, aliás “transdenominacional”, está pagando tributo em alto grau não ao Espírito Santo, e, sim, ao “espírito de nossa época”. O apreço pela aventura religiosa, a “show-mania”, o cultivo da subjetividade, as simpatias pelo anonimato possibilitado pelas celebrações de massa, isto e outras coisas são típicas da pós-modernidade. Poderíamos acrescentar, ainda, a instrumentalização da religião para a promoção individual, a privatização da fé e a substituição da comunidade cristã por empresas religiosas, administradoras do sagrado. Até que ponto a religiosidade exuberante de nossos dias sucumbiu a essas tendências, que em suas raízes não são nada cristãs, é de ser verificado de vez para vez. As afinidades da nova religiosidade com essas tendências da cultura global são inegáveis. O que é autenticamente cristão e o que não passa de pura moda? Como discernir o Espírito Santo em tudo isso?

b. Ora, o Espírito Santo tem critério. É Jesus Cristo, o crucificado e ressuscitado. É característico do Espírito que lembre a comunidade de tudo quanto Jesus disse e fez (Jo 14.26). Ele é o Espírito da Verdade (Jo 15.26), o Espírito da profecia (Lc 4.18). Ensina o discipulado. Espírito que está em oposição a Jesus de Nazaré é outro espírito. Então, o que vemos em Jesus? Vemos nele o amor de Deus que veio resgatar o mundo. Por isso o primeiro fruto do Espírito é o amor (Gl 5.22), e onde os “ca-

rismáticos” brigam, desprezam uns aos outros e racham a comunidade, aí eles ainda são muito “carnais”, como o apóstolo Paulo alerta em 1 Co 3 e principalmente em 1 Co 13. Um “movimento carismático”, sob essa perspectiva, só poderá ser um “movimento de amor” – ou não é cristão. A pura religiosidade jamais salvou alguém.

c. Bem, poderia alguém retrucar, e as manifestações espontâneas do Espírito, a movimentação que produz, o êxtase, o fogo e o vento que são os seus símbolos (At 2), não é também isso bíblico? Claro que é! O Espírito desperta, mobiliza. Ainda assim, não é o extraordinário que o identifica. Fenômenos de êxtase são conhecidos também no paganismo (1 Co 12.1s.). Também os fariseus expulsavam demônios (Mt 12.27). E visões não são nada especificamente cristão. Experiências espirituais podem ser abusadas para a vanglória pessoal. Assim aconteceu em Corinto, obrigando o apóstolo Paulo a também ele falar de suas visões, muito embora o julgasse nada conveniente (2 Co 12.1s.). O Espírito Santo não despreza o mundo religioso e as manifestações respectivas. Pode inclusive usar o falar em línguas como uma de suas expressões. E no entanto, esses fenômenos extraordinários ocupam entre os dons do Espírito os últimos lugares (cf. 1 Co 12.10). A profecia é mais importante do que o dom das línguas (1 Co 14.19). E sobre tudo está o amor.

d. O Espírito Santo é o inimigo da uniformidade. Não nivela. Isto vale não só para as atividades, os serviços e os ministérios. Vale também para os diferentes tipos de piedade. Seria ridículo dizer que o brasileiro, por seu jeito para o samba, esteja mais próximo do Espírito do que o alemão, fechado em si e sisudo. O Espírito não privilegia etnias,

não dá preferência a judeu ou grego. Da mesma forma não despeja a sua plenitude em nenhum indivíduo. A todos dá apenas uma parte de si, portanto, *um* de seus dons. Exceto Jesus Cristo não existem encarnações do Espírito ou pessoas que fossem seus “canais especiais”. O Espírito Santo não precisa de “médiums”. O testemunho do evangelho lhe basta como meio de comunicação. E esse testemunho sempre é variado. Há pessoas que oram menos que outras, mas ajudam mais aos necessitados. A piedade não permite padronização. Também neste tocante o Espírito distribui como quer.

e. O Espírito Santo não precisa do diabo para se perfilar, aliás desse diabo que – naturalmente – sempre está nos outros. Lembremo-nos da palavra de Jesus que nos adverte da trave no olho próprio (Mt 7.3). É claro que o diabo existe. Existe como poder demoníaco. É aquele mal do qual fala o Pai-Nosso e do qual precisamos e queremos ser libertados. Apresenta-se em inúmeras formas. Mas sua sede privilegiada é o coração humano, quando cheio de ódio, ganância, arrogância. É de lá que procedem os “maus desígnios”, os demônios, não das “coisas” externas (Mc 7.21). À semelhança de Jesus, os cristãos se opõem ao que conflitua com a vontade de Deus neste mundo. Entretanto, deverão ser suficientemente humildes para não anteciparem o juízo de Deus e não serem desmascarados como hipócritas. O mal precisa ser temido. Mas quem o temer em demasia é pessoa de pequena fé. Já não crê na vitória de Jesus Cristo.

f. O Espírito Santo cria comunhão (2 Co 13.13), não a discórdia. Ele cria comunidade, na qual há diversidade de membros. Estranhamente as igrejas pentecostais, por via de regra, não suportam a diversidade dos carismas. Até

hoje costumam resolver suas divergências internas pelo recurso à divisão. Qual a razão das divisões? Será a incompatibilidade das lideranças entre si, o ciúme, a concorrência? Ora, comunidade de Jesus Cristo é composta de públicos diversos que, desde que se confessem cristãos, deverão ter assegurado seu espaço. A intransigência religiosa, o exclusivismo grupal destroem o templo de Deus que é a comunidade e no qual deve habitar o Espírito de Deus (1 Co 3.17).

4. Igreja luterana é Igreja pentecostal. Ela o é à sua maneira. Ela alerta que nem toda Igreja que se diz pentecostal de fato o é. Pois, no que concerne à atuação do Espírito Santo, a teologia luterana insiste em alguns aspectos que são essenciais para a identidade cristã:

a. O Espírito Santo não é um fluido misterioso que vagasse pelo espaço e assaltasse as pessoas diretamente “de cima”. Muito pelo contrário, é o poder de Deus que se comunica mediante palavra e sacramento. Lutero, muito de acordo com a Bíblia, enfatizou os sinais externos, ou seja, o discurso, os gestos, os elementos visíveis e audíveis como sendo os veículos do Espírito. A fé vem pela pregação (Rm 10.17), pelo ouvir do evangelho, não por inspiração direta ou por intuição. Em outros termos, o Espírito Santo não se emancipa da palavra de Deus nem dos sacramentos. Usa esses meios para reunir, iluminar e santificar toda a cristandade na terra.

Isso significa que o Espírito Santo não permite que o manipulem. Não é por técnicas que pode ser captado e experimentado. É do que Lutero acusava os entusiastas de seu tempo, a saber, de ensinarem as pessoas como chegar ao Espírito em vez de ensinarem como o Espírito Santo chega a elas. Não há truque

nem método capaz de forçar sua vinda. Se houvesse, isto seria sinônimo de “auto-salvação”. Pois, nesse caso, a graça de Deus poderia ser dispensada. Bastaria um simples “know how”. Não! Para Lutero, o Espírito sempre permanece soberano, e o ser humano dele dependente. Supérfluo dizer que nem mesmo a pregação do evangelho e os sacramentos possuem efeitos automáticos, ou seja, mágicos. Somente o Espírito Santo pode assegurar-lhes a eficácia. E no entanto, sem esses meios o Espírito Santo fica afônico, impedido de operar, sujeito a ser substituído por uma “energia” qualquer, mesmo que “positiva”, sem identidade nem finalidade clara. O Espírito da Verdade (Jo 14.17) não abre mão da palavra que no princípio estava com Deus e que se encarnou em Jesus Cristo (Jo 1.1s.).

b. O Espírito Santo não produz simplesmente “sensações”. Ainda que envolva o ser humano todo, incluindo pensamentos, emoções e conduta, a renovação espiritual pode ter natureza pouco espetacular. O Espírito Santo ensina a fé, o amor e a esperança. Faz as pessoas humildes, gratas, conscientes de suas dívidas junto a Deus e a seus semelhantes. Dá-lhes uma nova mentalidade, solícita em buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça. Como dizia Lutero: o Espírito Santo santifica. Mas essa santificação nem sempre cria manchetes. Claro, o Espírito Santo também opera coisas extraordinárias. Mas esta não é a sua regra. Sensacionalismo carismático deve cuidar para não copiar a atitude reprovável dos fariseus que exibem sua piedade “para serem vistos pelos homens” (Mt 6.2,5).

Essa é a razão por que é incorreto falar de um “batismo com o Espírito Santo” que seria necessário além do batismo com água. Biblicamente não exis-

te nenhum imperativo que obrigue a pessoa humana a corresponder a um certo padrão de experiência espiritual. Seria limitar a ação do Espírito Santo e prescrever-lhe as formas de sua manifestação. A “demonstração do Espírito e do poder”, da qual fala o apóstolo Paulo em 1 Co 2.4, é de outra natureza e tem a palavra da cruz por conteúdo. Sob esta perspectiva, o Espírito Santo capacita as pessoas, não por último, a assumir a sua cruz e a sofrer com a criatura ainda não redimida, bem assim como o fez Jesus.

5. Nem toda religiosidade é cristã. Nem todo discurso sobre o Espírito Santo é autêntico. A Igreja luterana certamente tem muito a aprender. Vai rejeitar a atitude da impenitência. Vê-se compelida a diversificar sua oferta na tentativa de atender a multidimensionalidade do evangelho, bem como as peculiaridades de um público variado. Mas seria trágico se ela, a comunidade luterana, permitisse ser levada de roldão pelo milagre da multiplicação dos movimentos carismáticos e pentecostais. O sucesso em si não é nenhum critério do Espírito Santo. O IBOPE não decide sobre a legitimidade evangélica. É Jesus Cristo, o crucificado, que é o juiz da religiosidade e da religião. Perante ele também o movimento carismático terá que responsabilizar-se.

O futuro vai mostrar se esse movimento trará renovação à IECLB ou uma profunda divisão ou até mesmo alienação. A fidelidade da IECLB ao evangelho vai exigir de todos os seus membros a disposição para um auscultar atencioso do que o Espírito Santo lhes diz (cf. Ap 2.11). Congratulo-me com esta Conferência, que é um início dessa reflexão. Espero que resulte em tomada de consciência na IECLB, não na criação de

mais uma facção à semelhança daquelas que houve em Corinto e que tanta crítica mereceram por parte do apóstolo Paulo.

Volto a expressar minha esperança de que a IECLB assuma cada vez mais sua identidade evangélico-luterana. Que ela se torne Igreja missionária em seus múltiplos contextos, plantando a fé, construindo comunhão, integrando diferenças, reconciliando inimigos. Que valorize a dimensão emocional do ser humano, e simultaneamente introduza sobriedade no entusiasmo religioso, a fim de precaver contra ilusões. O Espírito Santo é promotor da causa de Deus. Assim o vemos em Jesus. Ele, portador do

Espírito por excelência (Lc 4.18), tinha a cabeça fria para discernir as coisas e, simultaneamente, o coração quente para ter compaixão dos miseráveis. Por isso, além de proporcionar a experiência da fé, o Espírito Santo ensina também a acolher as vítimas da injustiça e violência. Movimento carismático que o é em sentido cristão não pode deixar de ser profético, assim como o foi o próprio Jesus. Da mesma forma deve segui-lo na trilha do amor, sem o qual tudo o que produzimos não passa de bronze que soa e de címbalo que retine (1 Co 13.1). O imperativo da auto-avaliação pelo critério do evangelho se dirige a todos.

## Bibliografia

- BRANDT, Hermann. *O risco do Espírito* : um estudo pneumatológico. São Leopoldo : Sinodal, 1977.
- FISCHER, Joachim. O homem – um entusiasta? : a atualidade do tema Lutero e os entusiastas. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo, 1981. v. 1, p. 49-69.
- JENSEN, Richard A. *O toque do Espírito* : a luta de um homem para compreender a sua experiência com o Espírito Santo. São Leopoldo : Sinodal, 1985.
- SCHMIDT, Kurt Dietrich. A doutrina de Lutero acerca do Espírito Santo. In: Id. *A presença de Deus na história* : artigos selecionados. São Leopoldo : Sinodal, 1982. p. 22-31.
- YODER, John H. Os fanáticos e a Reforma. *Concilium*, Petrópolis, n. 148, p. 54-61 (1970-1977), 1979.

Gottfried Brakemeier  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo – RS